

# A economia da felicidade e o modelo "donut"

FELIPE MANÇANO\*

Historicamente, a soma das riquezas produzidas por uma nação tem sido diretamente vinculada ao bem-estar social. O PIB, não é de hoje, costuma servir de síntese do sucesso econômico, ser utilizado como sinônimo de progresso. Mas as sucessivas crises que abateram diferentes nações, nas últimas décadas, já nos mostraram que é preciso ir mais a fundo para chegarmos à conhecida pergunta universal: afinal, o dinheiro traz felicidade?

A experiência comprova que é difícil ser feliz desempregado, endividado, desiludido com a política ou trabalhando em um ambiente hostil. Quem navega em rede social já deve ter visto um

meme que circula num aplicativo de vídeo conhecido, em que uma pessoa qualquer escolhe entre "ser rico e infeliz" ou ser "pobre e feliz". A cena seguinte é o cidadão sambando e chorando em lugares como Paris, Nova York ou outra cidade cartão-postal.

Com tantas baixas sendo enfrentadas pelos brasileiros, inclusive a pior recessão da sua história, os economistas têm se debruçado sobre essa questão de forma mais intuitiva do que estamos acostumados. Um ano antes do coronavírus parar o mundo, a Fundação Getulio Vargas (FGV) chegou a publicar uma pesquisa bastante pertinente, sobre a "economia da felicidade". Nela, alertava que o Brasil sofreu a terceira maior queda de satisfação com a vida numa lis-

ta de 130 países, entre 2014 e 2018.

O estudo mostra que a perda de felicidade está sendo influenciada por fatores que vão além da economia - e cita instabilidade política, corrupção e violência, por exemplo. O trabalho, assinado pelo economista Marcelo Neri, sugere que o progresso nas nações mais desenvolvidas costuma estar calcado em vertentes como prosperidade, igualdade, sustentabilidade e sensibilidade. Não apenas na produção de riquezas, poder de compra e crédito na praça.

Uma notícia que vai nesta linha rodou a internet, em abril, ao divulgar que Amsterdã, na Holanda, seria a primeira cidade do mundo a adotar o modelo de economia "donut" (a clássica rosquinha), cuja embaixadora é a pesquisadora in-

glesa Kate Raworth, da Universidade de Oxford. Raworth defende uma mudança radical de paradigmas e diz que é preciso substituir o modelo econômico atual, considerado ultrapassado.

A proposta é simples: garantir equidade (habitação, alimentação, renda, saneamento, igualdade de gênero) aos cidadãos, mas sem aumentar demais a pressão sob o meio ambiente. Um modelo que certamente ganha espaço nesse "novo normal", em que os valores da sociedade são constantemente postos à prova. O PIB, de fato, nunca foi tão insuficiente para medir bem-estar e felicidade.

\*CONSULTOR E SÓCIO-FUNDADOR DO GROW CONSULTING GROUP